

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Quem teria maior mérito, diante de Deus: o homem que constrói grandes obras e que realiza os maiores feitos, por ambição de grandeza e por amor a si próprio, ou aquele que, no dia a dia, faz apenas o trivial, mas a isso dedica todo seu empenho, por amor a Deus?

Um grande pensador local contemporâneo, dom Altamiro Rossato, arcebispo emérito de Porto Alegre, ensina que mais mérito tem, diante do Senhor, aquele que move uma palha do chão para a lixeira, por Seu amor, do que o que é capaz de mover o mundo, por amor a si próprio.

A realidade é que o mundo está cheio de autores de pequenas obras, coisas de cada momento, de benfeitores desconhecidos, que passam pela vida ignorados pela massa, sem o reconhecimento ou a gratidão que lhes caberiam.

Em sua crueldade racional, a História contenta-se em registrar e destacar os realizadores de coisas pomposas e magnificentes, como a pirâmide de Queops ou os Jardins Suspensos da Babilônia, obras realizadas a um custo financeiro e social elevadíssimos, com fim estritamente pessoal, sem proveito para qualquer pessoa do povo.

Entendo – e tenho com frequência afirmado isso – que essa diferença ocorre, novamente citando dom Altamiro, “porque faz mais ruído uma árvore caindo do que uma floresta crescendo”.

De outra parte penso, também, que a Câmara Municipal de Porto Alegre tem o poder legal de resgatar do anonimato muitos das pessoas que, tendo prestado à Cidade algum relevante serviço, ainda que pequeno, permanecem até aqui na tangência da obscuridade na memória da Cidade e de seu povo.

E uma das melhores formas de fazer isso é dar o nome dessas pessoas a logradouros de Porto Alegre, especialmente aqueles com os quais os homenageados têm algum vínculo histórico. É exatamente o caso de José da Maia Martins.

Filho de Generosa Inácia da Maia e Cristóvão Lawrindo Martins, José nasceu em 26 de outubro de 1919. Seus pais não poderiam ter-lhe dado melhor e mais significativo nome, a inspiração veio da Sagrada Família. Deveria chamar-se José, como aquele outro José, o carpinteiro modesto, esposo de Maria, a Mãe de Deus. Generoso em sua aceitação do estado especial em que deveria viver. Sério, honesto e trabalhador. Modelo de vida.

José da Maia Martins provavelmente nunca tenha procurado se aprofundar no sentido orientador do próprio nome, mas com certeza intuiu a responsabilidade moral que acarretava, pois sua vida foi pautada como se tivesse inteira consciência de, como o José de Maria, ser um homem bom.

Sem outros qualificativos adicionais e, por que dizer, desnecessários, pois o prêmio da virtude é a própria virtude. Com isso se contentava José da Maia Martins. Bastava-lhe ser bom.

Quando seus pais mudaram-se para Porto Alegre, viviam, de favor, em um sítio na Av. Baltazar de Oliveira Garcia.

Aos 9 anos, José perdeu seu pai. Tornou-se um rapaz tímido, retraído e introspectivo. Mas assumiu, desde logo, a responsabilidade pelo cuidado da mãe e das irmãs.

Cheio de esperança, acreditava em um futuro melhor.

Deixou de lado os brinquedos e começou a trabalhar na agricultura, de onde tirava o sustento para a família, ajudando sua mãe, que era lavadeira.

Sem poder frequentar a escola, aos 18 anos foi prestar serviço militar. Encerrado seu período de caserna, voltou à agricultura, trabalhando como lavrador na chácara de seu cunhado.

Aos 32 anos de idade, contraiu matrimônio com Araci Gonçalves da Silva, com quem teve três filhas e dois filhos, que lhes geraram sete netos.

Em 1968, comprou um terreno no quarteirão entre a Rua Seis de Novembro e a Rua Deodoro, na região onde hoje é o Bairro Mário Quintana. Ali construiu uma pequena casa, onde viveu com sua família até falecer, em 1993.

Foi um dos primeiros moradores daquela área, à época distante de quase tudo.

Os anos passaram serenos e tranquilos na vida do José do século XX, trabalhador, reto de atitudes e de conduta. Chefe de família pobre e honrado, tinha o respeito e a admiração de seus vizinhos, familiares e amigos.

Não deixou grandes realizações – talvez nem mesmo pequenas – mas deixou um enorme rastro de saudade e de boas lembranças em todos quantos com ele conviveram.

É o nome honrado de José da Maia Martins que proponho seja dado a um dos logradouros de Porto Alegre, contando com a aprovação de meus pares.

Sala das Sessões, 7 de janeiro de 2011.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL

PROJETO DE LEI

Denomina Rua José da Maia Martins o logradouro público cadastrado conhecido como Travessa José Bonifácio, localizado no Bairro Mário Quintana.

Art. 1º Fica denominado Rua José da Maia Martins o logradouro público cadastrado conhecido como Travessa José Bonifácio, localizado no Bairro Mário Quintana, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio de 1994, e alterações posteriores.

Parágrafo único. As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Um dos Pioneiros do Bairro.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.